



Recebido em 28/07/2021

Aceito em 18/10/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i39.39071

ARTIGO

Antes da maquiagem e das transformações: uma análise das práticas e representações de travestis na cidade de Ituiutaba (década de 1990 a 2019)

Before makeup and transformations:
an analysis of the practices and representations of transvestites
in the city of Ituiutaba (1990s to 2019)

Gustavo de Souza Rubbi

Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia

orcid.org/0000-0002-4731-2621

gustavorubbi@hormail.com

RESUMO: Ao longo da história as travestis têm sido alvos de discriminação e de sucessivas tentativas de negação de seus corpos e identidades. A fim de contribuir com os estudos acerca da temática de gênero e da história de travestis, o presente trabalho tem como objetivo compreender as práticas e representações de travestis na cidade de Ituiutaba, examinado tanto suas visões de mundo quanto suas percepções acerca dos modos como são vistas pelos demais segmentos da sociedade. Para isso, utiliza-se as categorias de análise espaço de experiência e horizonte de expectativa de Reinhart Koselleck; e o conceito de representação de Roger Chartier. O procedimento de análise baseia-se em técnicas de pesquisa da história oral e na abordagem qualitativa. Buscou-se, assim, compreender as especificidades que envolvem as práticas e representações das travestis, investigando as práticas sociais anteriores ao processo de construção de uma identidade travesti, bem como seus horizontes de expectativas.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral. Representações. Travestilidades.

ABSTRACT: Throughout history transvestites have been targets of discrimination and successive attempts to deny their bodies and identities. In order to contribute to the studies on the gender theme and the history of transvestites, this work aims to understand the practices and representations of transvestites in the city of Ituiutaba, examined both their worldviews and their perceptions of the ways they are seen by other segments of society. For this, we use the categories of analysis space of experience and horizon of expectation of Reinhart Koselleck; and Roger Chartier's concept of representation. The analysis procedure is based on oral history research techniques and the qualitative approach. Thus, we sought to understand the specificities that involve the practices and representations of transvestites, investigating the social practices prior to the process of constructing a transvestite identity, as well as its horizons of expectations.

KEYWORDS: Oral history. Representations. Travestilities

Introdução

A multiplicidade das experiências travestis tem sido, cada vez mais, objeto de compreensão. No meio acadêmico, nota-se uma crescente produção de pesquisas destinadas a compreender a subjetividade desses corpos e identidades. Entretanto, se voltarmos o olhar para a história, podemos observar que as travestis tiveram seus corpos negados e identidades anuladas pela crescente onda de ódio e discriminação. Nota-se também como elas são tradicionalmente estigmatizadas de exóticas, esquisitas e problemáticas.

Nos estudos acadêmicos a respeito do tema, observa-se a constatação dos olhares curiosos, desejantes ou de reprovação da população. Dentro desse contexto de múltiplas interpretações, a pesquisa focou em compreender as práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba¹, examinado tanto as suas visões de mundo quanto as suas percepções em relação aos modos como são entendidos pelos demais segmentos da sociedade. Buscou-se, através da realização de entrevistas orais², entender os principais desafios e problemas de um processo de construção corporal e subjetivação de uma identidade travesti, bem como perceber a multiplicidade de suas experiências e expectativas.

Com o objetivo de compreender as práticas e representações de travestis na cidade de Ituiutaba e examinar suas experiências de mundo, utilizou-se como fontes principais duas entrevistas orais.³ O procedimento de análise baseou-se na abordagem qualitativa, prezando não por um grande número de entrevistas, mas sim pelos detalhes fornecidos pelas entrevistadas. Portanto, atentando-se aos comportamentos, experiências de vida, expectativas e desafios que envolvem as práticas travestis, utilizou-se como forma de identificar esses elementos os parâmetros e técnicas da história oral. De acordo com Paul Thompson, a história oral consiste em um método investigativo e pode ser definida como uma “interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (THOMPSON, 2002.). Além disso, a utilização da história oral proporciona um trabalho investigativo de problematizações, pois relaciona as vivências relatadas pelo entrevistado ao contexto mais amplo no qual ele está inserido. De acordo com o autor, a pesquisa de trajetórias de vida abrange tanto a interpretação das experiências individuais, quanto a análise das sociedades mais amplas. Assim, a

1 A cidade de Ituiutaba é um município do interior do estado de Minas Gerais. Sua população em julho de 2019, de acordo com a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 104.671 habitantes. Disponível em: <www.ituiutaba.mg.gov.br>. Acesso em: 27 abr. 2020.

2 As entrevistas foram realizadas por meio da organização prévia de roteiros. Foram realizadas nos dias 31/05/2018 e 12/07/2019. Está contido nesses roteiros um breve discurso livre de apresentação das entrevistadas, no qual elas destacam aspectos gerais de suas experiências (data e local de nascimento, breve trajetória de vida: onde estudou, onde mora, onde nasceu, trabalho, relacionamentos, família, etc.). Os roteiros de entrevistas foram estruturados de forma a atingir os objetivos da pesquisa com o propósito de tornar inteligíveis as práticas e representações das travestis.

3 Como forma de preservar a identidade das entrevistadas optou-se por substituir todas as informações que pudessem revelar características de sua identidade. Para referir-se a elas, utilizou-se nessa pesquisa os nomes fictícios de Aurora Bertolina e Doroteia Ridel.

pesquisa visou problematizar as entrevistas realizadas com as travestis e inseri-las no espaço social, objetivando a compreensão das correlações com seu tempo histórico.

A metodologia não foi escolhida aleatoriamente, mas a partir da constatação de que, com a problematização dos discursos das entrevistadas, seria viável oferecer respostas às indagações feitas a respeito das práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba. Nesse sentido, a pesquisa prezou por problematizar e investigar os depoimentos e não por interpretá-los como dados objetivos. Essa postura permite a compreensão das esferas ocultas, ou seja, “os aspectos da vida da maioria das pessoas, que raramente são bem representados nos arquivos históricos” (THOMPSON, 2002, p.17.). A utilização dessa metodologia contribuiu para a compreensão da multiplicidade das experiências travestis, seja os aspectos relacionados à família, infância e adolescência, seja aspectos que envolvem subjetividades individuais, como percepções corporais e construções identitárias.

A análise realizada dos depoimentos levou em consideração a busca pela compreensão das histórias e a forma como as travestis se percebem e se constituem no tempo. Nesse sentido, as categorias espaços de experiência e o horizonte de expectativa tonaram-se úteis para este estudo. Como afirmado por Reinhart Koselleck, “a experiência é o passado atual, no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional, quanto as formas inconscientes de comportamento [...]” (KOSELLEC, 2006, p.309.). Portanto, na forma como cada indivíduo lidou com suas experiências e anseia por suas expectativas, constitui-se uma relação com o tempo histórico. No que diz respeito à categoria de horizonte de expectativa, o autor a entende como um espaço voltado para o ainda não experimentado, para o que apenas pode ser previsto e ansiado. Essas categorias históricas de análise permitiram abordar a história sob a perspectiva das experiências vividas e das expectativas dos indivíduos.

Na perspectiva aqui adotada, compreende-se as experiências travestis relacionadas ao tempo e à realidade social da cidade de Ituiutaba, que a todo momento é pensada e construída por esses sujeitos. A partir disso, entendendo que as percepções do social não são discursos neutros, utilizou-se das categorias de práticas e representações de Roger Chartier. O autor define representação como um instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constrói significados sobre o mundo social. No que diz respeito ao conceito de práticas, o autor o define como modos de agir carregados de intencionalidade e que correspondem a interesses específicos. De acordo com Chartier, é por meio das práticas sociais que os indivíduos constroem e representam seus interesses. Essas categorias tornaram-se úteis para tornar inteligíveis as formas simbólicas e discursivas que as travestis utilizam para se afirmarem e se construírem.

Diante do exposto, o presente artigo realizou uma análise de como as relações mantidas pelas travestis no tempo histórico de sua infância contribuíram para a formação de suas identidades. Analisou-se, também, suas relações com seus corpos, vestimentas e identidades anteriores às transformações. Na primeira parte, intitulada Identidade em construção: desejos e anseios com o corpo não transicionado, buscou-se discutir as seguintes questões: como eram as práticas e as visões de mundo das

travestis, anteriores ao processo de construção de uma identidade travesti? Quais as expectativas com o seu corpo e sua identidade? Quais as relações com o corpo antes do processo de transformação? Na segunda parte, intitulada O vislumbre do feminino: descobrindo novas possibilidades corporais e identitárias, problematizou-se os seguintes questionamentos: como se deu o primeiro contato com a identidade travesti? De que forma intensificou-se o desejo de transformações corporais e identitárias?

Identidade em construção: desejos e anseios com o corpo não transicionado

A infância, para mim, foi muito dolorida porque você não se entende e sua mãe e família não sabem te apoiar. Eles são os primeiros a te julgar e criticar sem entender o que está passando com você. Às vezes, você só queria um abraço e um carinho “vai ficar tudo bem”, mas não! Isso não pode! E você se perde, não se entende [...] (BERTOLINA, 2019, p. 21).

Desde muito cedo, fica evidente a multiplicidade das experiências que caracterizam os processos de construção das identidades travestis. Além de seus próprios medos e anseios, elas precisam lidar com as expectativas e desejos de seus familiares, que, em muitos casos, não compreendem suas transformações. Como mostra o fragmento citado acima, já na infância as travestis percebem que existe algo diferente em suas identidades. Como apontado por Aurora, a infância representava, para ela, um período de não entendimento de suas expectativas e de não aceitação, por parte de seus familiares, de suas vontades.

Nota-se, nos escritos que abordam a temática, um interesse por parte dos pesquisadores em entender a formação das travestis desde sua infância. Como apontado por Tiago Duque, olhar para o momento de origem torna possível, entre outras coisas, perceber um pouco mais sobre a constituição e formação de suas identidades (DUQUE, 2011, p.139).

As travestis com as quais tive contato na pesquisa cresceram em famílias que tratavam todos os seus membros, incluindo elas próprias, como heterossexuais. Para algumas crianças, esse fator passa a produzir um profundo estranhamento a respeito de seus interesses por pessoas do mesmo sexo. Ao ser questionada sobre sua infância, Aurora a constrói como um momento de muitas dúvidas e de negação de seu corpo e de sua identidade. Em certa medida, grande parte dos problemas de Aurora estavam no fato de sua mãe não a aceitar e não compreender suas transformações. Como apontado por Tiago Duque, a negação do filho, de que é exemplo o que ocorreu no caso da mãe de Aurora, justifica-se pelo fato de a mãe “relacionar travesti à imagem dominante que associa ao extremo do efeminamento e da passividade sexual, em suma, ao rompimento radical das expectativas sociais” (DUQUE, 2011, p.141). Nesse sentido, no caso de Aurora, a infância representou um período de percepção de suas características, tendências e desejos.

Nos inúmeros casos de agressão por ela relatados, é possível notar a associação de seus desejos e vontades ao estigma da vergonha, seja pelo fato de sua mãe não permitir que ela utilizasse suas roupas dentro de casa, seja pelo fato de os alunos da escola em que ela estudava tornarem risíveis suas vestimentas e comportamentos. Aurora teve, portanto, grande parte de suas experiências formadas pela vergonha e

pela tentativa de imposição de comportamentos normativos esperados. Como apontado por ela,

[...] quando meu cabelo cresceu e eu coloquei aplique, aí sim eu fui para escola de menina, totalmente! Comprei uma calça apertadíssima [...] uma rasteirinha e comprei uma *baby look* do uniforme da escola que mostrava a barriga! [...]. No começo eu ficava muito apavorada, quando falavam: “Aí o traveção”. Nossa, era o fim para mim! (BERTOLINA, 2019, p. 19)

Nesse sentido, percebe-se que os primeiros processos que envolveram o contato de Aurora com o feminino foram marcados por agressões e pela estigmatização. Além de ter que lidar com seus próprios desejos e com as subjetividades que envolviam sua identidade em construção, ela precisou suportar os olhares curiosos dos outros sujeitos sociais e foi necessário que ela rompesse com a vergonha para poder manifestar suas expectativas.

Em suas reflexões sobre as experiências travestis na infância, Duque considera que nesse período há uma fase de socialização marcada por imposições da normalidade de gênero que em certa medida, têm um papel formador de identidade. Como apontado pelo autor, a “vergonha marca a experiência de meninos que se interessam afetivamente e sexualmente por outros meninos” (DUQUE, 2011, p.141). A vergonha vai atuar na infância como dispositivo de controle dos comportamentos e como mecanismo de introjeção das normas sociais aceitas. Por isso, esse sentimento torna-se central para entender as experiências travestis, uma vez que se constitui em um fator que relaciona seus desejos a atributos impuros e à negação. Assim, estabelece-se uma política de vergonha que, por meio de um discurso moralista, vai renegar grande parte dos desejos das travestis impondo a dominação da lógica heterossexual.

No que diz respeito à realidade vivenciada e percebida por Doroteia, nota-se que sua infância, apesar das complicações, foi um período mais brando, quando comparado, por exemplo, à infância de Aurora. Isso pode estar associado ao fato de ela ter optado por realizar suas transformações relativas ao feminino mais lentamente, como uma forma de não assustar sua mãe. Conforme relatado por Doroteia,

Com sete anos, eu já me entendia como homossexual. Fui despertando o interesse por meninos na escola. Com treze eu assumi para minha mãe que eu era homossexual. Aí fui levando a vida e com dezoito eu já vi que eu não queria viver naquele corpo que [me] incomodava, aquela aparência, com tudo aquilo. Foi onde eu cheguei nela e falei: mãe eu quero virar transexual, travesti, como queira denominar. Aí fui fazendo as transformações de pouco a pouco, para não assustar ela também né! (RIDEL, 2018, p.65).

Como mostra o fragmento acima, mesmo identificando aos sete anos de idade que suas expectativas não coincidiam com suas práticas, Doroteia optou por realizar suas modificações de forma gradual, para não romper bruscamente com os desejos de sua mãe. Como exposto por Tiago Duque, as travestis, têm sua identidade associada a um desvio de caráter (DUQUE, 2011, p.1). Assim, o aspecto menos turbulento da infância de Doroteia pode estar associado à forma gradual de suas transformações, que não causaram um impacto imediato em sua família, pois ela não rompeu instantaneamente com suas características masculinas.

A infância de Doroteia, apesar de ter sido marcada pela vergonha, é representada por ela como um período mais fácil, pois, segundo seu relato,

[...] eu fui daqueles alunos que entrou cedo na escola, nunca bombei, terminei na data certa [...] eu ainda não tinha, praticamente, virado travesti como eu era [...]. Então, eu não tive essa coisa de travesti dentro da escola, entendeu? De se vestir de mulher dentro da escola, então eu já tinha terminado, foi onde ficou mais fácil para mim. (RIDEL, 2018, p.3)

De acordo com ela, o fato de não ter iniciado suas transformações enquanto estava na escola contribuiu para que ela não tivesse seus desejos julgados pelos outros alunos. Assim, Doroteia considera que sua infância foi mais fácil, uma vez que não teve todas as suas vontades subjugadas e condenadas. O fato de ter optado por realizar suas transformações de forma gradual e não ter rompido abruptamente com as características que envolviam o gênero masculino possibilitou que ela vivesse sua infância, na medida do possível, de forma tranquila e sem muitas complicações.

Apesar de a infância comumente ser um período de complicações e aprisionamento para as travestis, é preciso levar em consideração que, mesmo diante de imposições e restrições, os indivíduos e os grupos sociais tendem a produzir estratégias e práticas que buscam legitimar as suas escolhas e afirmarem suas representações. Como explicitado por Roger Chartier, cada indivíduo tem a sua concepção do social e a sua maneira de se diferenciar (CHARTIER, 1991, p.183). Segundo o autor, não há práticas ou estruturas que não sejam produzidas pelas representações contraditórias e confrontos por meio dos quais os indivíduos e os grupos atribuem sentidos ao mundo.

Assim, é preciso entender o período da infância das travestis como um momento marcado por conflitos e pela busca de afirmação de seus interesses específicos. Mesmo sendo obrigadas a satisfazer as vontades de seus familiares, Aurora e Doroteia, desenvolviam, em suas práticas cotidianas, mecanismos para impor suas concepções de mundo e seus valores. Mesmo Aurora sendo a todo momento obrigada por sua mãe a performar⁴ sua masculinidade, ela encontrou nas suas vestimentas maneiras de performar sua feminilidade. Como relatado por ela: “Eu odiava as minhas roupas! Mas sabe o que eu fazia? Eu usava esses shortinhos [...]. Bem curtinho! Aí sim eu usava [...]. Minha mãe percebia, mas não falava nada” (BERTOLINA, 2019, p. 18). A mãe a obrigava a utilizar roupas masculinas, entretanto como forma de representar seus desejos femininos, Aurora utilizava as roupas mais curtas possíveis. Nesse sentido, as roupas curtas de Aurora representavam uma forma de tentar fazer prevalecer seus desejos e vontades. É possível notar que mesmo sob o estigma da vergonha e as constantes imposições que marcaram a trajetória de Aurora, ela desenvolveu formas de satisfazer suas vontades e, em certa medida, conseguir representar seus desejos de se tornar feminina. Percebe-se que mesmo sujeitada a mecanismos de ordem impostos

4 Performatividade propõe pensar a constituição do gênero como atos e gestos representados pelos indivíduos. Assim “esses atos, gestos e atuações, [...], são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos”. Ver mais em: BUTLER, Judith. Inscricões corporais, subversões performativas. In: BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 185-201.

por uma lógica heterossexual, Aurora através da prática cotidiana de fazer uso de vestimentas curtas consegue subverter a norma estabelecida e satisfazer suas vontades momentâneas.

No caso de Doroteia, a prática encontrada por ela para representar minimante suas expectativas e romper com o espaço de ordem vigente foi se relacionando e se interessando por meninos. Segundo ela, assumir-se primeiro como homossexual foi a maneira encontrada para satisfazer seus desejos, mas, ao mesmo tempo, não romper bruscamente com as expectativas e interesses de sua mãe. Identificar-se como homossexual significava não romper subitamente com seus atributos masculinos, fazendo assim sua mãe se acostumar aos poucos com sua nova identidade em construção.

Observa-se, a partir das experiências de Aurora e Doroteia, que os mecanismos de ordem são utilizados pelos atores sociais como suportes para múltiplas produções e inovações. Conforme argumentado por Michel de Certeau, a ordem “é um conjunto de imposições estimuladoras da invenção, uma regulamentação para facilitar as improvisações” (CERTEAU, 2007, p.50). Nesse sentido, nota-se que, apesar de Aurora e Doroteia terem tido durante suas infâncias seus corpos e identidades relegados ao campo da vergonha, do escárnio e se aproximado do estigmatizado, elas encontraram por meio das mais variadas práticas cotidianas – seja pelo uso das roupas curtas de Aurora, seja por meio das relações homoafetivas de Doroteia – formas de confrontarem os mecanismos estabelecidos pela lógica heterossexual.

Outro fator comum à multiplicidade das experiências que envolvem a infância das travestis e que é possível identificar nos relatos de Aurora e Doroteia diz respeito ao fato de que a construção de suas respectivas identidades de gênero se deu ao longo do tempo de forma fluída e variada. Aurora, ao ser questionada sobre sua infância, aponta que desde muito pequena já olhava diferente para os outros meninos e que, mesmo não entendendo, sabia que sentia desejos por eles. Esse fato também é identificado na fala de Doroteia que ressalta que, desde os seus sete anos de idade, já sentia algo de errado com sua identidade.

Como apontado por Marcos Benedetti, as travestis entendem de modo bem peculiar a construção do masculino e do feminino. Segundo o autor, elas não se prendem fixamente às normas de gênero, podendo assim performar características de ambos os sexos (BENEDETTI, 2005, p.25). Nesse sentido, os processos de construção de gênero das travestis se dá, de acordo com Benedetti, desde a infância, de forma múltipla.

Por meio das narrativas construídas por Aurora e Doroteia é possível observar os aspectos de fluidez que envolvem a construção do gênero das travestis. Partindo da observação das entrevistadas, nota-se que, desde a infância, elas já buscavam se identificar com características e objetos tidos como tipicamente pertencentes ao universo feminino. Desse modo, os processos de transformações de gênero costumam ter início na infância. Foi nessa fase que Aurora e Doroteia começaram a perceber que tinham algo de diferente em relação aos outros meninos.

Diante do exposto, percebe-se a infância das travestis como um período marcado por seus horizontes de expectativas. Como apontado por Reinhart Koselleck, a expectativa e a experiência são categorias históricas que indicam a forma pela qual os sujeitos entendem o espaço e o tempo. Nesse sentido, o horizonte de expectativa está relacionado ao modo como, no presente, os indivíduos antecipam o futuro (KOSELLECK, 2006, p.308). No caso da trajetória de vida de Aurora, a infância significou, em grande parte, o desejo de tornar-se feminina e o anseio por mudanças em sua aparência. Para Doroteia, a infância representou um momento de antecipação de suas vontades e como um período marcado por seus anseios com o corpo e por expectativas de atingir mudanças em sua identidade.

Ao analisar os depoimentos de Aurora e Doroteia, é necessário considerar que suas falas passam por um processo de reconstrução e seleção. Assim, como argumentado por Verena Alberti, ao ouvirmos um entrevistado temos uma sensação de continuidade, a ilusão de uma história absolutamente coesa e sem lacunas. No entanto, não quer dizer que podemos reproduzir o passado em toda sua complexidade ou que podemos reestabelecer o vivido. Segundo Alberti, a entrevista nos revela pedaços do passado, “[...] encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente. A memória, já se disse, é a presença do passado.” (ALBERTI, 2004, p.15). Dessa forma, os relatos realizados por Aurora e Doroteia a respeito de suas infâncias, estão tratando de seus horizontes de expectativas em relação ao futuro daquele período. Contudo, no momento das entrevistas, suas infâncias já são espaços de experiências. Agora, na fase adulta, elas reelaboram a percepção que tinham durante a fase da infância.

Diante disso, é possível observar a infância como um período de formação de identidades. Nesse processo de construção identitária, Aurora e Doroteia passaram a perceber suas identidades de gênero de forma múltipla e suas respectivas infâncias com um tempo de anseios e de vontades de atender às necessidades femininas que estavam relacionadas ao processo de construção de suas identidades.

O vislumbre do feminino: descobrindo novas possibilidades corporais e identitárias

Eu tinha quinze anos quando eu entendi o que eu queria ser [...] fui crescendo, fui vendo outras travestis [...]. Eu falava: é isso que eu quero! Parece que é isso que eu sou e é isso que eu tenho que ser! [...]. É isso que eu sou e ninguém vai tirar isso de mim! (BERTOLINA, 2019, p. 17)

Após vivenciarem uma infância marcada por uma multiplicidade de experiências, Aurora e Doroteia, com o início da adolescência têm intensificadas as expectativas com seus corpos e identidades. Nesse sentido, as expectativas que foram reprimidas e negadas na infância, precisavam ser atendidas. Como demonstrado no fragmento acima, o primeiro contato com travestis reforça os desejos e anseios que estiveram presentes no início de suas vidas.

Nos estudos que abordam a temática, nota-se que geralmente a adolescência é um período no qual as travestis iniciam diferentes modificações em seus corpos e têm o desejo cada vez mais explícito de se tornarem femininas. Como argumentado por Don Kulick, a partir do momento que os meninos que tiveram sua infância marcada por experiências femininas travam contato com travestis mais velhas e experientes, acentua-se o desejo em se aperfeiçoar e se completar como feminino (KULICK, 2008, p.81). Nesse sentido, a investigação da constituição da identidade travesti na adolescência possibilita a compreensão dos elementos que envolvem a sua cultura.

A partir da análise da constituição da identidade travesti na adolescência, percebe-se que é nesse momento que elas buscam maneiras concretas de construir e representarem suas vontades femininas. Nos casos de Aurora e Doroteia, é nesse momento que elas vão se esforçar para construir os atributos femininos de seus corpos. Com isso, é a partir da adolescência que os corpos de Aurora e Doroteia adquirem o caráter de transpor suas marcas identitárias. Conforme argumenta Guacira Lopes Louro, o corpo representa um espaço de diversidade no qual se ensaiam tentativas de subversão das fronteiras de gênero (LOURO, 2004). Assim, por meio de roupas e perucas elas vão descobrir novas possibilidades com seus corpos e identidades.

De acordo com a fala de Aurora, desde seus quinze anos de idade, ela começa a ter um entendimento mais claro sobre as questões que envolvem seu corpo e sua identidade. Nesse sentido, percebe-se que é no início da adolescência e a partir do contato com a identidade travesti que seus desejos e vontades de modificações corporais e mudanças mais profundas em sua identidade, tornam-se mais presentes em sua experiência.

Em seu relato, Aurora evidencia que foi a partir de incentivos de seu primeiro namorado que se intensificaram seus desejos femininos. Segundo ela, “Nas festas de escola eu conheci um rapaz [...]. Eu comecei a me relacionar com esse rapaz. A gente começou a sair e ele falou: você tem um corpo diferente! Você tem vontade de se montar?” (BERTOLINA, 2019, p. 18). A constatação de seu companheiro de que seu corpo era genuinamente feminino, com curvas e modelagens que o diferenciavam dos atributos masculinos, contribuiu para que ela iniciasse suas transformações. No início, os primeiros elementos que faziam parte das modificações de Aurora, eram as unhas, perucas e roupas.

Assim como na sua infância, a adolescência de Aurora também foi marcada por inúmeros casos de agressão. Quando ela iniciou suas transformações, utilizando perucas e unhas, sua mãe não quis mais aceitá-la em casa, como relatado em entrevista: “Minha mãe me proibia [...]. Ela queria me bater [...], mas eu falei: Não! Se você não quiser me aceitar do jeito que eu sou, eu vou embora! Mas eu não vou mais me esconder” (BERTOLINA, 2019, p. 19). Conforme apontado por ela, sua mãe a proibia de se vestir como feminina em sua casa. Assim, todos os elementos usados para caracterizar seu feminino ficavam na casa de suas amigas.

No caso de Doroteia, é relatado que as intensificações de suas vontades femininas e o aumento de seus desejos de mudanças corporais ocorrem com o início dos seus dezoito anos. Desse modo, para além de suas unhas e perucas, ela vai buscar formas mais permanentes de afirmar seu feminino. No decorrer de sua adolescência,

Doroteia tem suas primeiras relações sexuais e, como enfatizado por ela, “eu nunca fiquei com mulher, eu nunca beijei, eu nunca nem nada, sempre com homem, sempre homens!” (RIDEL, 2018, p. 96). De acordo com ela, seus desejos e vontades sexuais sempre estiveram relacionados com os homens e ela sempre teve muita dificuldade de se relacionar com mulheres.

Diante das experiências de vida de Aurora e Doroteia, percebe-se a variedade de processos identitários pelos quais as travestis passam para se construírem enquanto feminino. Ao longo de sua adolescência, Aurora precisava a todo momento construir e desconstruir seu corpo, seja para agradar sua mãe e continuar morando com ela ou para satisfazer suas vontades que estavam cada vez mais intensificadas. No caso de Doroteia, ela precisou realizar suas transformações de forma lenta para não decepcionar as vontades de sua família. Como argumentado pela autora Larissa Pelúcio, essa multiplicidade de processos identitários pelos quais as travestis passam para se construírem enquanto femininas pode ser definida pelo conceito de travestilidades. Esse termo indica a multiplicidade das experiências relacionadas à construção e desconstrução dos copos travestis (PELÚCIO, 2007). Essas (des)construções ocorrem devido às experiências da maior parte das travestis serem construídas dentro de espaços heteronormativos.⁵

No entanto, mesmo diante do fato de as experiências de Aurora e Doroteia terem sido submetidas a um conjunto de normas e padrões heteronormativos, isso não impediu que elas modificassem suas identidades e seus corpos. Assim, é possível perceber que a estratégia utilizada por Aurora para construir seu feminino e atender suas vontades, foi realizar suas construções corporais na casa de suas amigas.

Os processos de construções e desconstruções corporais das entrevistadas estiveram relacionados ao longo de suas adolescências ao estigma da vergonha. Como relatado por Aurora e Doroteia, elas preferiam, em alguns momentos, abrir mão de seus atributos femininos e performar suas características masculinas como forma de evitar agressões de seus familiares e dos colegas da escola. Nesse sentido, constata-se que tanto Aurora quanto Doroteia tiveram suas identidades travestis construídas por meio de ambiguidades e de uma confusão de códigos masculinos e femininos. Seja para agradar seus desejos ou para manter as vontades dos seus familiares, elas estavam a todo momento construindo e desconstruindo sua identidade. Tiago Duque propõe pensar esses processos de montagens e desmontagens a partir do conceito de montagem estratégica.⁶ Como argumentado por ele, a construção da feminilidade das travestis vai ser movida por uma manipulação da vergonha e para transitar na escala de exposição à violência. Portanto, evitando grandes conflitos com seus familiares Aurora e Doroteia optam, no início de suas transformações, por performar suas masculinidades dentro da casa de seus pais.

Diante disso, constata-se que em certa medida os processos de montagens e desmontagens de Aurora e Doroteia estavam relacionados à questão da sobrevivência.

⁵ Esse conceito, refere-se a um conjunto de normas prescritas que marcam toda a ordem social, os conjuntos de instituições e as orientações práticas dos indivíduos.

⁶ Conceito analítico proposto pelo autor para pensar a construção e desconstrução da feminilidade travesti.

Portanto, como relatado por elas, para continuarem morando com seus familiares precisavam performar suas características masculinas. Esse fator só irá se alterar quando Aurora e Doroteia encontram meios para se sustentarem sozinhas.

Observa-se tanto na fala de Aurora quanto na fala de Doroteia que suas experiências na adolescência foram em grande parte marcadas e movidas pelos seus desejos. Assim, mesmo diante das imposições de seus familiares, elas desenvolvem táticas e estratégias para atingirem suas vontades. Partindo do contato com suas entrevistadas, Duque percebe as experiências individuais por meio dos fluxos desejantes. Como argumentado por ele, o desejo é um sistema de signos que vai agir de forma consciente ou inconsciente no campo social (DUQUE, 2011, p.106). Dessa forma, antes de atenderem aos interesses de seus familiares Aurora e Doroteia vão se valer das mais diferentes estratégias para atingirem seus desejos femininos.

Outro fator que contribuiu para o entendimento de Aurora com seu corpo e sua identidade foi o contato com outras travestis. Esse contato deu-se pela primeira vez na escola com outros amigos que também estavam no mesmo processo de construção que ela. Como relatado, a conversa com amigos da escola contribuiu para que ela afirmasse suas vontades e tomasse coragem para iniciar suas transformações. Verifica-se, com isso, a importância da sociabilidade para a construção da identidade travesti, pois foi por meio de diálogos com seus colegas que Aurora conseguiu compreender melhor os elementos que envolviam sua identidade. Essa sociabilidade foi importante também porque foi por meio de suas amigas que Aurora teve o contato com hormônios que ajudaram em sua transformação corporal. Nesse sentido, é possível pensar a escola como um espaço de sociabilidade que possibilitou a Aurora driblar os aspectos heteronormativos presentes no ambiente familiar. Portanto, mesmo ela tendo relatado diversos casos de agressões que marcaram sua experiência escolar, foi esse ambiente que proporcionou melhor compreensão a respeito dos aspectos de sua identidade.

O estudo dos espaços de sociabilidade e de convívio das travestis possibilita o entendimento de elementos que constituem suas identidades, uma vez que a análise desses ambientes torna mais claros os diferentes padrões culturais que constituem a formação desse grupo. De acordo com José Guilherme Cantor Magnani, o estudo das formas de sociabilidade e interação dos indivíduos permite identificar as estratégias que os atores sociais utilizam para estabelecerem encontros e trocas. Além disso, proporciona um estudo dos fatores que envolvem a construção de suas personalidades (MAGNANI, 2009).

Nesse sentido, é preciso entender a adolescência não como um período etário em que predominam naturalmente as mudanças e as dúvidas, mas sim como um período repleto das experiências da infância, que vão, em grande medida, marcar suas expectativas na adolescência. Como afirmado por Reinhart Koselleck, “o futuro histórico nunca é o resultado puro e simples do passado histórico.” (KOSELLECK, 2006, p.312). Portanto, cada momento do presente dos indivíduos está sendo marcado por experiências que, em certa medida, modificam e influenciam seus futuros. O autor atesta que não se deve deduzir as expectativas apenas a partir das experiências, uma vez que não há garantias de que os acontecimentos sucederão como esperado. Entretanto, deixar de basear-se nas experiências também seria um equívoco, pois,

para o autor, por mais que não se possa estabelecer uma relação imediata entre essas categorias é inegável que as expectativas vão conter elementos da experiência. Assim, o tempo histórico transcorre na tensão entre experiências e expectativas.

Dessa forma, as expectativas que estiveram presentes na infância e na adolescência contribuem para construir as experiências de vida de Aurora e Doroteia. Portanto, com a chegada da fase adulta as experiências que construíram as trajetórias de vidas das entrevistadas vão estar presentes e em certa medida motivam suas escolhas e suas expectativas de futuro.

Considerações finais

Como demonstrado no decorrer deste trabalho, as trajetórias de vida dos indivíduos travestis são caracterizadas por uma multiplicidade de experiências. Desde muito cedo, as entrevistadas percebem que existe algo de diferente em suas identidades e seus corpos. Com suas identidades em construção, elas experimentam na infância um período de anseios e de vontades de atender às suas necessidades femininas que estavam relacionadas aos seus processos de construção identitária e de gênero. Desde muito cedo, tiveram que aprender a lidar com os olhares curiosos e de reprovação dos demais segmentos sociais, que julgavam suas práticas e modos de se representarem no mundo. Percebe-se também que, mesmo diante de um sistema que funcionava, em grande parte, por meio de padrões normativos heterossexuais, as entrevistadas utilizaram-se de estratégias e práticas variadas para satisfazerem suas expectativas e representarem suas necessidades e vontades femininas.

As expectativas negadas e reprimidas na infância foram intensificadas com o início da adolescência. Havia agora a vontade de algo a mais. As expectativas que estavam guardadas e reprimidas há muito tempo precisavam urgentemente ser atendidas. Nesse sentido, Aurora e Doroteia decidiram não mais seguir as concepções de gênero que lhes foram impostas. Cansadas das imposições, elas decidem romper com as expectativas sociais e com os comportamentos normativos esperados. Percebeu-se que o vislumbre da possibilidade de existência de sujeitos que se apresentavam de forma feminina deu às entrevistadas a esperança de realizar suas expectativas e novas possibilidades para satisfazer seus desejos. Como apresentado, foi a partir desse momento que Aurora e Doroteia buscaram maneiras concretas de construir e representar suas vontades femininas. Por fim, notou-se que a construção da feminilidade travesti foi movida por uma manipulação da vergonha e que, em certa medida, as novas possibilidades corporais e identitárias passaram por processos de *montagem e desmontagem*.

Referências:

ALBERTI, Verena. O lugar da história Oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: *Ouvir Contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 13-31.

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BERTOLINA, Aurora. *Fora dos corpos: uma análise das práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba (década de 1990 - 2019)*. [Entrevista concedida a] Gustavo de Souza Rubbi. Ituiutaba - MG, 12 set. 2019.

BUTLER, Judith. Inscrições corporais, subversões performativas. In: BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 185-201.

CERTEAU, Michel. Introdução. In: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 37-53.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol.15, n.32, p.129-156, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

RIDEL, Doroteia. *Fora dos corpos: uma análise das práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba (década de 1990 - 2019)*. [Entrevista concedida a] Gustavo de Souza Rubbi. Ituiutaba - MG, 31 maio 2018.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. Trad. Andréa Zhouri e Lígia M. L. Pereira. História Oral. *Revista da ABHO*, nº 5, p.09-28, jun. 2002. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal>>.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado: contribuição a semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 305-327.